

Minas Gerais

Arte Alegre: mulheres quilombolas tecem na arte caminhos de resistência



Desde 2001, o grupo atua na capacitação e fortalecimento de geração de renda das mulheres do Quilombo de Alegre, em Januária (MG).

“Fia, fia, fiador, fia, fia, com amor”. O trecho da cantiga cantada pela mãe de Lucilene Silva, 42 anos, ainda é vivo na memória. Ela lembra que durante a infância, a mãe colhia o algodão crioulo, puxava fio a fio e depois tecia a linha na roda de tear feita de coco, assim como outras mulheres quilombolas da comunidade. Com o tempo, o tear foi perdendo o espaço para o uso das máquinas elétricas e se tornou uma prática rara na região.

Eram poucas as mulheres que teciam ou que faziam algum tipo de artesanato, e normalmente o trabalho era feito de forma individual em casa, ela relembra. Na tentativa de mudar esse cenário, em 2011, Lucilene, saiu de casa em casa no Quilombo de Alegre, em Januária (MG), convidando as mulheres da comunidade para a construção de um grupo de artesanato. A ideia, que já havia sido colocada em prática por um grupo da Igreja Católica e que não deu certo, tomou corpo com essa ação, conseguindo unir 56 mulheres para a formação do Grupo Arte Alegre.

A iniciativa se tornou um espaço de encontro semanal, toda quarta-feira, permitindo às mulheres se fortalecerem através do compartilhamento de diferentes técnicas artesanais. Atualmente, as artesãs criam e vendem peças de crochê, ponto cruz, ponto livre, oitinho e vagonite. As peças são vendidas através de pedidos feitos por telefone, internet e na Feira Agroecológica, realizada toda terça-feira em Januária.

Para a artesã Marisa de Jesus, o artesanato é uma terapia e um grande apoio na renda da família. Mas, para além do ganho material, ela reflete que essa mobilização em prol do artesanato fortaleceu as mulheres da comunidade, sobretudo, mulheres que enfrentavam depressão e violência doméstica. “Elas se sentiam isoladas e tiveram a oportunidade de encontrar aqui no grupo um espaço de escuta e apoio para enfrentar os problemas de casa”, afirma.



Foto: artesã Marisa



Oficina de pintura para as crianças



Artesã Silvia

A potência do grupo se reflete na troca de saberes de diversas gerações que se encontram ali, desde crianças de 6 anos até mulheres da terceira idade.

Para Elizete Ferreira, 63 anos, é uma alegria ter a oportunidade de tecer ao lado da filha Marisa Ferreira, 35 anos, e da neta Hilary Ferreira, de 7 anos que assim como outras crianças da comunidade, Hilary tem a oportunidade de realizar cursos de pintura e ponto cruz nos horários livres. “Quando criança, aprendi a fiar com minha mãe.

A gente não tinha nem a agulha; eu usava o fio grosso, tirado da vassoura, para colocar a linha e bordar, assim aprendi a fazer bordado com nozinho atrás. Com o tempo, fui me aperfeiçoando e hoje faço o ponto cruz perfeito”, afirma Elizete. Essa união fortalece a estratégia de se mobilizar de forma coletiva com organizações, igrejas e representantes da sociedade civil, com o intuito de captar recursos para a manter o grupo.

A partir do diálogo com a Cáritas Brasileira Regional Minas Gerais, a associação foi contemplada com materiais de aviamentos e tecidos com o objetivo de fortalecer a criação das peças e aumentar a renda das mulheres. Lucilene, que atualmente é presidente do Arte Alegre, reflete que o grupo está em uma nova etapa, ampliando a produção, captando mais apoio e tendo mais inserção na comunidade.

“Conseguimos estabelecer uma boa fonte de diálogo com a comunidade e demonstrado a importância da nossa associação. Atualmente, alguns homens têm participado das oficinas e se tornaram tecelões e costureiros”, ressalta.

Refletindo sobre 13 anos de atuação do grupo, Luciene pontua que a caminhada demonstrou o poder de mobilização e diálogo das mulheres do quilombo de Alegre, e de como é possível transformar a realidade local. Essa transformação não ocorre isoladamente, mas em uma relação íntima com o Semiárido. A convivência com o Semiárido não apenas moldou a criatividade das mulheres, mas também influenciou a natureza de suas criações. Os materiais usados, as técnicas desenvolvidas e os temas das peças refletem a adaptação e o respeito ao ambiente. Além disso, a associação se tornou um exemplo de como a arte e o artesanato podem ser veículos de sustentabilidade ambiental, econômica e social, ensinando e aprendendo com a terra.



Colcha de crochê